

Pipistrellus pygmaeus (Leach, 1825)

Morcego-pigmeu

Taxonomia

Chiroptera, Vespertilionidae
Recentemente separada de *P. pipistrellus* em resultado de análises moleculares (Barratt *et al.* 1997)

Ocorrência

Residente – Res

Categoria

POUCO PREOCUPANTE – LC

Fundamentação: Ampla área de ocupação em todo o território continental.

Distribuição

Global: Espécie do Paleártico Ocidental, aparentemente mais abundante no sul e no norte da Europa do que na região central. Os registos do limite leste da distribuição referem-se à parte ocidental da Rússia, Azerbaijão, Turquia e Irão (Jones & Froidevaux 2020). A distribuição está ainda pouco documentada em algumas regiões devido à integração de dados recolhidos como *P. pipistrellus* (Jones & Froidevaux 2020).



Pipistrellus pygmaeus © Paulo Barros

Portugal: Dados recolhidos recentemente permitem confirmar que *P. pygmaeus* ocorre em todo o território continental, com elevada abundância nalgumas áreas (Rainho 2013).

População e Tendência

População: Atinge rapidamente a maturidade sexual. As fêmeas podem acasalar no primeiro outono, mas os machos geralmente só acasalam a partir do primeiro ano completo de vida (Racey 1974). A longevidade varia entre 7 anos para os machos e 8 anos para as fêmeas (Gerell & Lundberg 1990). O tempo geracional é estimado em cerca de 5,2 anos (Pacifi *et al.* 2013). Contudo a espécie apresenta uma forte associação ecológica com o habitat ripícola, que está em redução em Portugal. A população nacional está estimada em mais de 10 000 indivíduos maduros.

Os dados disponíveis não indicam declínio populacional.

Tendência: Desconhecida.

Habitat e Ecologia

Espécie fissurícola que pode formar colónias com várias centenas de indivíduos. Os tipos de abrigos mais utilizados são edifícios (habitados ou desocupados), cavidades em árvores ou por baixo da sua casca (p. ex. choupos), pontes, fendas de rochas e caixas-abrigo (Lourenço & Palmeirim 2004, Stone *et al.* 2015, Davidson-Watts 2007, Amorim *et al.* 2013, Michaelsen *et al.* 2014). Utiliza com muita frequência habitats ripícolas e planos de água como áreas de alimentação, o que se reflete na dieta, constituída principalmente por quironómídeos (Diptera) e, em menor percentagem, por neurópteros, himenópteros, lepidópteros e coleópteros (Rainho 2013, Jones & Froidevaux 2020). Também a distância a habitats ripícolas parece ser um fator importante na seleção de abrigos de maternidade (Oakeley & Jones 1998). A atividade noturna é concentrada num raio reduzido em torno dos abrigos (2,5 – 10 km) (Ryan 2016). O voo, muito manobrável, permite-lhe caçar insetos próximo da vegetação (Stone *et al.* 2015) ou na orla de áreas florestais (Kelm *et al.* 2014), evitando as pastagens e áreas agrícolas intensivas (Ryan 2016).

Fatores de Ameaça

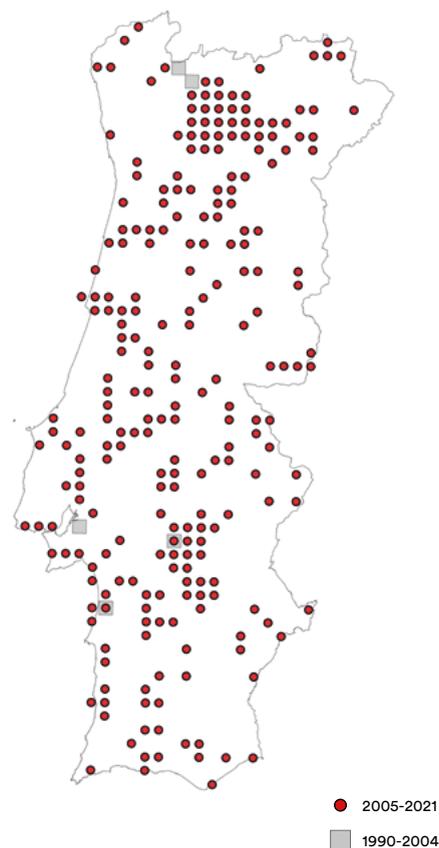
A redução da área e estado de conservação dos habitats ripícolas em Portugal é um importante fator de ameaça devido à elevada importância destes habitats (disponibilidade de abrigos e de áreas de caça), particularmente no sul do País. A renovação ou restauro de edifícios que abrigam colónias (destelhamento, demolição e alterações nas paredes e tetos) é outro dos fatores de ameaça, particularmente, quando as colónias são muito numerosas, e não existem abrigos alternativos nas proximidades. A utilização de pesticidas, que pode causar uma acentuada diminuição local de insetos, e a diminuição global das populações de insetos, podem constituir uma ameaça. A espécie revela uma elevada mortalidade em estradas. De acordo com dados recolhidos em Portugal, é a segunda espécie de morcegos mais sujeita a mortalidade por atropelamento (Medinas *et al.* 2013), pelo que os troços de estradas que atravessam habitats de boa qualidade (vegetação ripícola, orlas de manchas florestais) podem constituir armadilhas ecológicas (Medinas *et al.* 2013).

Medidas de Conservação

As medidas de gestão que garantam a preservação dos habitats ripícolas (qualidade da água e da vegetação ripícola e a sua estrutura complexa) são as mais importantes. O restauro destes habitats, quando em estado de conservação desfavorável, é outra das medidas com potencial efeito positivo. A sensibilização dos proprietários dos edifícios em que as colónias se abrigam, de forma a incentivar a coexistência, é essencial. Contudo, no caso de necessidade de exclusão de colónias de edifícios habitados, o seguimento dos melhores procedimentos para evitar stress ou morte de morcegos e a disponibilização de abrigos alternativos são medidas de conservação necessárias.

O aumento do conhecimento sobre esta espécie é necessário, particularmente a melhoria da informação sobre a sua distribuição e ecologia.

Coloniza frequentemente caixas-abrigo, pelo que a instalação destas tem potencial para aumentar a disponibilidade de abrigos ou compensar a diminuição de abrigos naturais causada pela exclusão de edifícios, abate de árvores e outras atividades humanas.



Legenda do Mapa

Ocorrências confirmadas de morcego-pigmeu *Pipistrellus pygmaeus* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:

Marques JT (2023). *Pipistrellus pygmaeus* morcego-pigmeu. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.